

Relação Vincular entre a Mãe Imigrante e o Bebê de 1 a 3 Anos sob a Ótica de Mahler e Winnicott

Lúcia Grigoletti¹
Nize Nascimento²

Resumo: A presente pesquisa, versa sobre as relações vinculares primitivas na modalidade especial de aculturação. Procura identificar como se apresenta o código vincular na etapa de separação e individuação do bebê, quando sua mãe se encontra em pleno processo de alteração do seu próprio código de referência. Desenvolvida nas cidades de Pelotas e DF, contata com 12 crianças de 1 a 3 anos e suas mães imigrantes. A abordagem psicanalítica e a metodologia qualitativa, análise de temática, nortearam a análise e discussão dos resultados.

Palavras-chave: relação vincular; bebê; mãe imigrante.

Introdução

A presente pesquisa realizada no período de 2002-2004, nas cidades de Pelotas e Brasília, a primeira, localizada na região do extremo meridional do Brasil e a segunda, no centro do país, contemplou os objetivos do Curso de Especialização em Saúde Perinatal, Desenvolvimento de Educação do Bebê da Universidade de Brasília tendo como parceria a Universidade Católica de Pelotas/RS.

O presente trabalho versa sobre as relações vinculares primitivas na modalidade especial de migração. Hoje, sabe-se

¹ Psicóloga; Docente, Pesquisadora, Mestre/UCPel; Especial. Saúde Peri-natal, Desenvolvimento e Educação do Bebê/UNB

² Psicóloga; Mestre/UNB; Especial. Saúde Peri-natal, Desenvolvimento e Educação do Bebê/ UNB.

que a comunicação entre o bebê e a mãe se estabelece desde a etapa intra-uterina e que ambos adaptam-se um ao outro, seguindo juntos um ritmo de envolvimento recíproco. Segundo Brazelton (1987) a dança interativa que se estabelece na díade, em etapa tão precoce, impressionou muito os pesquisadores, pois não tinham conhecimento, até a década de sessenta, que no bebê existiam necessidades além da fome, do sono e de fraldas limpas. Sua demanda e sensibilidade a trocas sociais foi uma revelação significativa quanto ao lugar que o pequeno ser passou a ocupar na relação com as figuras parentais. O bebê e a mãe estabelecem uma forma de convenção que rege o que cada um espera do outro, o que é possível e o que é proibido. Esta sincronia interacional se estabelece a partir de uma interação estruturada, portadora de sentido, onde mãe e filho as empregam como meio de comunicação de seus estados e intenções (Cramer, 1993).

Hoje, mais do que antes, pensar em um filho é reportar-se à figura materna e vice-versa, esta é uma associação inevitável. Como diz Winnicott (1982) um não existe sem o outro. Portanto, para se investigar as etapas do início do desenvolvimento da criança, é necessário conhecer o momento de vida de sua mãe, de quem vai balizar suas emoções e sentimentos e interagir consigo para a aquisição de uma modalidade relacional de acesso ao mundo.

Na presente pesquisa, se está diante de uma criança na faixa de 1 a 3 anos que, nesse momento, de predominante comunicação pré-verbal, constrói seu próprio código de leitura e relacionamento consigo e com o outro.

A mãe, por sua vez, na condição de imigrante, vive a situação especial de aculturação, passa por um processo de instabilidade em seus parâmetros de identidade, isto é, necessita modificar-se como resultado do contato mais ou menos direto e contínuo com outros grupos. Paradoxalmente, ela vive a descontinuidade do sentimento de existir no campo do desejo do outro e é, ao mesmo tempo, solicitada a inscrever seu filho em

seu mundo representacional, fazendo-o sentir-se desejado por ela.

Portanto, entende-se que num processo de aculturação, as bases identificatórias do indivíduo estão abaladas e é nesse complexo de emoções que a mãe imigrante pari, muitas vezes sozinha, sem seu grupo afetivo por perto. Ela não só pari seu bebê. Pari também uma parte de si enquanto sujeito que se denomina eu, e que deverá nascer desse entrelaçamento e síntese de vivências contraditórias, *re-criando e re-significando* suas bases vinculares.

Assim, sob um olhar psicanalítico, estudar-se-á a constituição do sujeito em seu processo de *migração*, o conflito entre o corpo e a pulsão; isto é, a *migração* entre a linguagem consciente e inconsciente, que sofrerá modificações de acordo com as vivências, culturas, histórias particulares e relações vinculares. Nesse sentido, se está focalizando a vivência do processo de migração nos laços da interação de crianças muito pequenas e suas mães, que viveram e subjetivaram esse processo, sobretudo cultural. Por cultural está subjacente a mudança de hábitos, de língua ou dialetos, de ritmo, seja em nível orgânico (com a entrada de novos hábitos alimentares, do cotidiano, etc), seja em nível simbólico (a expressão, a comunicação, o uso das palavras e da linguagem).

É diante desse entrecruzamento de momentos de vida que as pesquisadoras têm se deparado na vida profissional e pessoal, embora por experiências diferentes. Entendem, por diversos ângulos de um mesmo prisma, que, muitas vezes, bebês cujas mães estão vivendo a condição de imigrante, podem apresentar sintomas diretamente ligados a dificuldades de separação e individuação. Tal realidade, associada ao último Censo Demográfico (IBGE, CD 2000) - quando se passou de nenhum registro entre 1991-1995, na faixa etária de 0-4 anos, para 6.227 bebês estrangeiros no Brasil, entre 1996-2000 - definiu-se a necessidade de um estudo científico.

Com base nos resultados, a presente pesquisa propõe-se a instrumentalizar profissionais de saúde mental a que criem

intervenções mais compatíveis à uma clientela com experiência concomitante de construção das relações vinculares primitivas e de imigração. Entende-se que, de forma indireta, se estará capacitando profissionais para realizarem um trabalho preventivo: tanto contemplando o bebê em sua vivência de formação (base desenvolvimental de aquisição de sua autonomia e de sua capacidade de auto-regulação) quanto contemplando os pais imigrantes a sentirem-se mais seguros em sua função de maternidade/paternidade, o que evitará ou minimizará ruídos na interação.

As pesquisadoras, comprometidas com essa causa, compartilham da visão de Moro (2002) ao dizer que ao dedicar-se a trabalhar com bebês e seus pais imigrantes, não se está visando apenas questões de ordem clínica e técnica, mas também, e principalmente, questões de ordem preventiva e ética. Sob um ponto de vista teórico, diz a referida autora, trabalhar com o estrangeiro renova nossa maneira de pensar, obriga a nos descentrar, a tornar mais complexo nossos modelos e a nos deparar com julgamentos cristalizados. Ignorar essa alteridade é não possibilitar que mães imigrantes e seus bebês vivam essa etapa de suas vidas de maneira não traumática e se insiram em nossos sistemas de prevenção e cuidados.

Na medida em que as mães se comunicam com seus filhos por um código próprio, decorrente da cultura e da subjetividade, cabe indagar:

Como se apresenta o código vincular na etapa de separação e individuação do bebê, quando a mãe se encontra em pleno processo de alteração do seu próprio código de referência?

A partir deste questionamento surgem outras questões:

A criança, na fase de separação e individuação:

- terá sua capacidade auto-reguladora afetada?

- apresentará manifestações somáticas e de comportamento?

Fundamentação Teórica

Diante da importância da figura materna para o desenvolvimento da criança pequena, será realizada uma aproximação do momento psíquico da mãe, na condição de imigrante, assim como do bebê.

A era da globalização tem trazido muitas alterações no dia-dia do ser humano. As novas tecnologias ligadas à informática e à imensa rede de comunicação, que foi possível se estabelecer entre as mais distantes partes do mundo, têm exercido grande influência no psiquismo e no modo de viver das pessoas. Os extremos do ser humano (evolução e regressão) se unem num mesmo movimento, tanto o intercâmbio virtual via satélite e a especialização em determinado conhecimento científico como a imensa falta de condições humanas que o cidadão tem direito em seu país levam a uma proximidade entre as diferentes nações e a um processo de migratório cada vez mais presente.

Imigrar significa entrar num país estranho para nele viver. Para Koltai (2000) o senso comum denomina estrangeiro àquele que vem de outro lugar, não está em seu país e, ainda que em certas ocasiões possa ser bem vindo, na maioria das vezes é passível de ser mandado de volta para o país de origem, repatriado. A categoria sociopolítica que o estrangeiro ocupa, o fixa numa alteridade implicando, necessariamente, numa exclusão.

Esta mudança de fronteiras gera uma significativa demanda psíquica, pois pior que o antigo seja, ele é conhecido e o novo é sempre gerador de muitas inseguranças, vivência de caos e de angústias primitivas. Principalmente, quando este novo coloca em xeque parâmetros e referenciais tão intrínsecos como costumes, valores, credos; enfim, pontos que sustentam o desenvolvimento e a formação de um indivíduo. Sabe-se que a experiência de desterrar se contrapõe ao sonho da continuidade, a estabilidade e ao amparo que a herança cultural nos insere e que transcende a experiência individual. Este sentimento denominado

pertenencia, é abordado por Teichner (2001, p.3) quando diz que:

Pertencer a um lugar, a um grupo, é ser, ser para si e para os outros. É existir no campo do desejo. É ocupar um lugar em conjunto a outros semelhantes; condição a partir da qual possa funcionar o campo da ilusão, da coincidência e do estar entre dois.

Na presente pesquisa, a mãe vivencia, paradoxalmente, a descontinuidade do sentimento de existir no campo do desejo do outro e é, ao mesmo tempo, solicitada a inscrever seu filho, em seu mundo representacional, a fazê-lo sentir-se desejado por ela.

A mãe é o espelho do bebê, proporcionando a este um desenvolvimento de ego, uma sensação de existir, de ver-se como indivíduo. Segundo Winnicott (1982) quando o bebê olha sua mãe e esta o vê, ele sente-se existindo. Podendo ele também, se permitir olhar e ver.

É neste nicho de intensas emoções e demandas, maternas e filiais, que se deseja caracterizar o trabalho.

O Filho, este Pequeno Imigrante

Ao falar sobre o novo, o estranho está implícito numa referência tomada como o antigo, o conhecido que, nesse momento, será considerado como as origens e o contexto em que se desenvolve cada indivíduo.

Portanto, para melhor entender a relação vincular em situação de aculturação é importante reportar-se ao conhecido, ao processo vincular entre mãe e bebê no contexto de origem deste último.

De acordo com estudos de Stork e Mota (apud Busnel, 1997) foi possível observar a relação vincular em diferentes culturas, sendo constatado, por exemplo, que a mãe francesa estimula a fala e a comunicação pelo olhar com seu bebê em substituição a pouca troca cutânea e cinestésica. Ela é quem decide sobre seu sono, pois *os bebês devem dormir*; no sul da Índia prevalecem os movimentos vigorosos com óleos para

fortificar o filho e as aspersões de água para purificá-lo. A tonicidade dos bebês hindús e o avanço de seu desenvolvimento sensorio-motor nos primeiros anos falam do vigor dos cuidados que recebem nessa idade; na África o equilíbrio motriz permite ao recém nascido ajustar-se e agarrar-se à mãe. Sem medo, acompanha os movimentos diários dela, já que o carrega às costas em suas atividades. Uma comunicação neste âmbito acompanhada de gritinhos possibilita que o bebê, mesmo sendo assim carregado, expresse sua necessidade de evacuar, fato que raramente ocorre quando ele está em contato corporal com ela; no nordeste do Brasil o embalar da rede denominada de *mãe véia* e a voz calma da mãe dão continente ao sono e a raridade do choro do bebê. Neste contexto, é este último quem regula o nível de estimulação que o adulto lhe propõe e o ritmo das trocas funcionais, inclusive é ele quem determina o momento de dormir e não porque o adulto assim o decidiu. Desta forma, cada cultura prioriza um tipo de relação vincular que, certamente, vai ter conseqüências no desenvolvimento físico e afetivo do indivíduo.

O comportamento do bebê, em geral o choro, sinaliza para a mãe suas necessidades e retira dela respostas afetivas. Estas últimas passam por um filtro: o que ela pensa e sente diante do choro de seu filho. Segundo Tyson e Tyson (1993) gradualmente, para o bebê, as respostas da mãe passarão a ter um significado subjetivo. A habilidade para integrar percepção, memória e resposta, isto é, usar a função sinal dos afetos, vai ocorrer através da internalização bem sucedida e da identificação com as funções organizadoras e reguladoras da mãe.

A importância do processo de separação na história desses bebês levou as pesquisadoras abordar o tema à luz do processo de separação e individuação segundo Mahler (1982). Para a autora, a separação ocorre quando o bebê, gradualmente, forma uma representação de si distinta da representação de sua mãe e, a individuação quando se fazem presentes tentativas para formar uma identidade única. As sub-fases a seguir, constituem o referido processo vivido na faixa de 4 meses a 3 anos:

diferenciação e definição do objeto libidinal; treinamento; aproximação e início da constância objetal.

Contemplar um espaço teórico à linguagem na etapa de separação e individuação, se faz necessário como expressão máxima do desenvolvimento do bebê, da base fundadora de seu psiquismo e da vida relacional com a figura materna e, conseqüentemente, com o mundo.

Através da linguagem, se quer ressaltar que a pesquisa focaliza não, em especial, este aspecto, mas sim que é nessa fase do desenvolvimento que o bebê estará construindo as bases de sua decodificação para a vida.

Desde a etapa intra-útero, o bebê já está imerso num universo de palavras com suas devidas significações que nesta fase são transmitidas muito mais pelo significante do que pelo significado. Portanto, serão os pais, a mãe inicialmente, quem irá denominar as experiências afetivas do bebê, permitindo-o reconhecer, observar e obter maior compreensão sobre seus sentimentos. Katan (apud Tyson e Tyson, 1993) chama a atenção sobre a função reguladora do feto que tem a linguagem. Se a criança não aprende a verbalizar adequadamente os afetos, pode-se criar uma discrepância entre a força e complexidade dos estados afetivos e a capacidade para sua expressão. Sem palavras suficientes a criança pode confiar na ação ou em alguma outra forma de expressão como somatizar. Por outro lado, a criança será capaz de identificar-se com suas atitudes dirigidas a impulsos libidinais e agressivos, bem como seu reconhecimento, rotulação e respostas reguladoras apropriadas a seus estados afetivos, se a mãe tiver sucesso em seu papel de ego auxiliar. Uma vez que a representação do objeto e suas funções de amor e de conforto sejam recursos internos estáveis, a função do objeto de responder a sinais afetivos pelo uso de atividades reguladoras e organizadoras torna-se função do ego da criança. Desta forma, ela é capaz de reconhecer seus próprios estados afetivos, de utilizá-los como sinais e de responder com suas próprias atividades organizadoras, reguladoras e protetoras. Momento este

que a criança atinge a última sub-fase do processo de separação e individualização – a constância objetal.

Segundo Busnell (1997) os períodos de transição do bebê, necessários para a aquisição de sua autonomia, ocorre nos primeiros vinte meses quando são identificados cinco períodos de transição, sendo que a partir dos quatro, cada salto do desenvolvimento rumo a uma maior independência é precedido de uma fase de conflito entre mãe e filho que dura de uma a quatro semanas. Estes períodos correspondem àqueles que se seguem às fases estáveis, exigindo reorganizações súbitas e importantes do comportamento. Em determinadas idades o bebê é mais demandante, mais *difícil*, mostra uma necessidade de *aumento de contato* e também de tempo de repouso ou de regressões em seus progressos. Esta fase ocorre pois o bebê deseja equiparar a duração dos períodos de contato com a mãe a um nível equivalente ao que era normal quando mais jovem. Por parte da mãe, o autor identifica que ela necessita de um tempo para assimilar a dependência aumentada do filho. Inicialmente ela não entende o porque de sua regressão visto já ter conseguido comportamentos mais evoluídos. Ela se opõe a este comportamento, ensina-lhes novas competências e o estimula ou o força a agir de forma mais independente. As formas de fazer isto variam de mãe para mãe, desde brincadeiras a atitudes agressivas, vai depender do modo como reage frente ao que lhe é estranho. Portanto, para ambos esta é uma fase estressante. Entre importantes conclusões da autora, destaca-se que o equilíbrio do sistema mãe/filho corre um grande risco de ser destruído durante o período de transição. Nestes momentos, a mãe deve ficar ultravigilante senão em vez de tornar o *stress*, decorrente da fase, salutar, ela o intensificará.

Winnicott (1982) ressalta que se o estado emocional da mãe está distorcido por sua má saúde ou por tensões ambientais, torna-se difícil para ela prover, quase exatamente, as necessidades do bebê em termos de holding e provisão de ambiente em geral. Na descontinuidade dos cuidados maternos há, conseqüentemente, uma descontinuidade no bebê, este não se

sente existindo. Constrói-se, assim, uma personalidade baseada em reações à irritação do meio, o que com facilidade o levará a somatizar. Identificar nos distúrbios relacionais precoces uma causa única ou um agente patogênico isolado é impossível. No entanto, sabe-se que um sintoma eclodirá na criança se, biologicamente, ela for receptiva às influências da patologia da mãe.

Segundo Baraibar (apud Defey, 1994) o equilíbrio psicossomático do bebê se organiza sobre bases afetivas que surgem da interação da tríade pai-mãe-bebê. Sendo que as falhas na interação incidirão na organização do equilíbrio psicossomático do bebê se houver desde sobrecarga nos cuidados maternos, tipo super estimulação, excesso de cuidados, intrusão por estimulação inoportuna no ritmo do bebê à distorções ou carência de cuidados.

Para autora, a função materna vai gestando comportamentos, brindando coerência e coordenação às funções do bebê, que se organizam em uma boa ordem psicossomática. Ficando assim estabelecidas as bases para a capacidade futura da criança de auto-regular-se em suas interações com o mundo exterior, através da utilização eficaz de seus recursos mentais.

Segundo Moro (2002) as crianças imigrantes são vulneráveis e fazem parte de um grupo de risco. Como os heróis da mitologia, elas são expostas a um risco vital, um risco transcultural, quando passam de um universo a outro. Elas desenvolvem, por consequência, uma estrutura cultural embasada na clivagem, isto é, na separação entre dois mundos de natureza diferente e que se entrelaçam, às vezes, por relações conflituosas. Esta estrutura é, forçosamente, incerta e frágil e não homogênea. Paralelamente ao mundo ligado a cultura familiar, o da afetividade, existe o mundo dos outros, da racionalidade e do pragmatismo.

A Mãe Imigrante

Segundo Suárez (2001) a experiência de imigração exige um trabalho intrapsíquico intenso para poder processar os objetos valiosos perdidos e os novos adquiridos. É um luto que marca quem o padece, enfrentando a dor da separação para incorporar uma nova forma de vida, há um antes e um depois da imigração.

De acordo com a pesquisa de Sarriera, Pizzinatto e Rangel (2001) a história de vida prévia, o modo como o imigrante enfrentou e superou outros eventos estressores em seu país de origem, está fortemente correlacionado com a forma que avalia e enfrenta as demandas de adaptação ao meio atual. Ao pesquisarem famílias colombianas, peruanas, uruguaias e chilenas que imigraram a Porto Alegre, constataram que elas têm boa aceitação e relação direta com membros das comunidades onde estão inseridas, além de importante rede de relações entre suas famílias e famílias de outros imigrantes. Entretanto, as dimensões macrossociais e conjunturais da economia e da legislação brasileira são encaradas como obstaculizantes à inserção e ao incremento da qualidade de vida no Brasil.

Sebben (1996) ressalta que o idioma e o alimento são dois pontos agravantes na experiência migratória, pois ambos corroboram para a identidade do sujeito.

A aprendizagem de uma nova linguagem, uma língua diferente da materna, fará parte da experiência do processo de aculturação da mãe imigrante, evidenciando a importante ligação entre a linguagem e o afeto.

Segundo Revuz (2000) o exercício requerido pela aprendizagem de uma língua estrangeira se revela delicado, pois ao solicitar, a um tempo, nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos, enquanto sujeito que se autoriza a falar em primeira pessoa, também é solicitado as bases mesmas de nossa estruturação psíquica e com elas aquilo que é, ao mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna.

Portanto, no processo de aculturação se está diante da transgeracionalidade vincular da língua materna que vai provocar um deslocamento de marcas anteriores. De acordo com a referida autora, esse estranhamento do dito na língua estrangeira que é sempre vivido como, um pouco, tornar-se um outro, pode levar a uma perda, até a perda de identidade; uma operação salutar de renovação e de relativismo da língua materna; ou ainda a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade.

Ao mesmo tempo em que alguns imigrantes, com facilidade, possam aprender bem a língua do outro e se fazer presente um temor de romper com as amarras que o ligam a língua materna, também sabem e sentem que nunca serão um deles, um nativo daquele país.

Esta dupla experiência de ruptura ou perda e de descoberta ou apropriação é mais violenta se acompanhada de uma ruptura real como no processo de aculturação.

O alimento, por sua vez, é o outro agravante nessa experiência, pois suscita os vínculos primitivos com o seio materno podendo haver, como resultado na vivência do imigrante, uma rejeição absoluta aos pratos novos e buscar nostalgicamente os alimentos de sua terra, aplacando sua angústia seja pelo sentimento de desproteção seja pelo sentimento de culpa pelo que deixou para trás.

Para as pesquisadoras, ressaltar os resultados de Sebben (1996) o idioma e o alimento como dois pontos que mais expressam a experiência de aculturação, não visa investigar estes aspectos no presente trabalho, mas sim, focalizar o inevitável retorno da experiência vincular da mãe imigrante, sujeito da pesquisa, com sua própria mãe, desestabilizando seus referenciais mais primários. Retorno esse revivido, intrinsecamente, quando ela pari longe de seu país de origem. Como bem salienta Moro (2002) a vulnerabilidade inerente ao parto pode vir a ser aumentada em decorrência dos riscos e incertezas que o mundo estrangeiro acarreta a essa mulher. O confronto com tarefas contraditórias se faz presente: se por um lado tem de cuidar e investir em seu bebê, por outro deve

apresentá-lo a esse mundo que lhe é estranho e ao mesmo tempo em que internaliza os valores do novo contexto, transmite aqueles valores que lhe são tradicionais.

Sarriera (2000) ao investigar o processo de aculturação, expõe várias modalidades de adaptação. Ele salienta, entre elas, o modelo interativo de aculturação – IAM – de Bourhis et al, que considera o efeito do impacto cultural, segundo o grau de vitalidade dos grupos de imigrantes e o de acolhida. Os primeiros distribuem-se em integração (não deixam de considerar seus valores étnicos originais ao mesmo tempo em que absorvem os valores do grupo majoritário); assimilação (se transvestem com a roupagem do grupo majoritário); separação (mantém seus valores étnicos, mas sem relação favorável com o grupo majoritário); anomia (o imigrante não mantém a identidade étnica original, nem boas relações com o novo grupo); individualismo (mantém seus valores originais como realidade essencial, não considerando o grupo majoritário). Por sua vez, as comunidades de acolhida podem ser de integração, assimilação, segregação, exclusão e individualismo. A interação entre cada modalidade de grupo pode resultar em consensual, problemática ou conflituosa como evidencia o quadro a seguir.

COMUNIDADE de ACOLHIDA	COMUNIDADE IMIGRANTE				
	Integração	Assimilação	Separação	Anomia	Individualismo
Integração	Consensual	Problemática	Conflituosa	Problemática	Problemática
Assimilação	Problemática	Consensual	Conflituosa	Problemática	Problemática
Separação	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa
Exclusão	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa	Conflituosa
Individualismo	Problemática	Problemática	Problemática	Problemática	Conflituosa

Tais resultantes nos reportam às posições esquizo-paranóide e depressiva de Klein (apud Segal, 1975) que foram muito bem adaptadas às situações de grupo e do indivíduo no grupo. Pode-se dizer que a resultante consensual: integração X integração, é aquela que se caracteriza pela possibilidade do imigrante e do grupo de acolhida reconhecerem a parte “estrangeira” que existe dentro de si, podendo realizar a síntese integradora entre o externo e o interno, a fantasia e a realidade; o bom e o ruim. Esta tão conhecida dicotomia humana nas demais resultantes permanece inconsciente, sendo identificado projetivamente a parte *estrangeira*: na cultura majoritária no caso do imigrante e, neste último no caso do grupo de acolhida.

Como diz Koltai (2000) diante do estrangeiro o sujeito nunca é indiferente, ele provoca, sempre, movimentos de alma: amor, ódio, temor, *amódio*. Até porque é como se o sujeito tivesse de fazer existir fora de si algo que lhe é interior.

Destacar a importância do grupo de acolhida e sua capacidade de re-conhecimento do outro, o estrangeiro, o estranho, é inevitável para a melhor adaptação do imigrante (Zimmermann, 2000). As ONGs (Organizações Não Governamentais) os grupos de acolhida, de estudos sobre migração e as clínicas privadas falam do número expressivo de imigrantes e do conhecimento que, a cada momento, descortina uma nova paisagem sobre este processo de aculturação. Muitas vezes, o mentor dessas telas é alguém que passou por isso e, portanto, sabe muito bem avaliar as cores e as formas psíquicas que implicam nesse movimento de vida.

Sebben (1996) diz serem os limites que o imigrante sofre na sua capacidade de integração que o levará ao desejo de retorno, como que resgatando sua história de vínculo temporal com coisas e pessoas conhecidas. No entanto, se faz presente a ferida do retorno, também aqui ele depara o sentimento de estranhamento frente ao contexto que deixou e o que se apresenta. Sendo o ponto crucial da experiência de migração o constante sentimento de ambivalência, marcado pela cisão que

sofre a personalidade, sempre o partir ou o retornar e nunca a permanência sem conflito.

Enriquecer os horizontes implica também em duplicá-los, sem que um seja excludente ao outro. (Sebben, 1996; p.140)

O contexto profissional das pesquisadoras e o contato com a realidade dos imigrantes reforçaram o desafio de enveredar por essa terra estranha. Inevitavelmente, também as colocou no lugar de imigrante, na medida em que se propuseram a ultrapassar a fronteira do conhecido, do já vivido.

Fica aqui um convite ao leitor para embarcar nessa viagem ao “País dos Imigrantes”,

De acordo com a vivência pessoal e profissional das autoras a era da globalização tem trazido muitas alterações no dia-dia do ser humano. As novas tecnologias ligadas à informática e a imensa rede de comunicação que foi possível se estabelecer entre as mais distantes partes do mundo tem exercido grande influência no psiquismo e no modo de viver das pessoas. Os extremos do ser humano - evolução e regressão - se unem num mesmo movimento, tanto o intercâmbio virtual via satélite e a especialização em determinado conhecimento científico, como a imensa falta de condições humanas que o cidadão tem direito em seu país, levam a uma proximidade entre as diferentes nações e a um processo migratório cada vez mais presente. No Brasil, de acordo com o último censo demográfico (1996-2000) Migração, foram registradas 6.227 crianças estrangeiros na faixa etária de 0-4 anos. Este movimento retrata uma realidade em expansão quanto ao ingresso desses bebês em nosso país.

Imigrar significa entrar num país estranho para nele viver. Para Koltai (2000) o senso comum denomina estrangeiro àquele que vem de outro lugar, não está em seu país e, ainda que em certas ocasiões possa ser bem vindo, na maioria das vezes é passível de ser mandado de volta para o país de origem, repatriado. A categoria sociopolítica que o estrangeiro ocupa, o

fixa numa alteridade implicando, necessariamente, numa exclusão.

Esta mudança de fronteiras gera uma significativa demanda psíquica pois, por pior que o antigo seja, ele é conhecido e o novo é sempre gerador de muitas inseguranças, vivência de caos e de angústias primitivas. Principalmente, quando este novo coloca em xeque parâmetros e referenciais tão intrínsecos como costumes, valores, credos enfim, pontos que sustentam o desenvolvimento e a formação de um indivíduo. Sabe-se que a experiência de desterrar se contrapõe ao sonho da continuidade, a estabilidade e ao amparo que a herança cultural nos insere e que transcende a experiência individual. Este sentimento denominado *pertenencia*, é abordado por Teichner (2001, p.3) quando diz que:

Pertencer a um lugar, a um grupo é ser, ser para si e para os outros. É existir no campo do desejo. É ocupar um lugar em conjunto a outros semelhantes; condição a partir da qual possa funcionar o campo da ilusão, da coincidência e do estar entre dois.

Na presente pesquisa, a mãe vivencia, paradoxalmente, a descontinuidade do sentimento de existir no campo do desejo do outro e é, ao mesmo tempo, solicitada a inscrever seu filho, em seu mundo representacional, a fazê-lo sentir-se desejado por ela.

A mãe é o espelho do bebê, proporcionando a este um desenvolvimento de ego, uma sensação de existir, de ver-se como indivíduo. Segundo Winnicott (1975), quando o bebê olha sua mãe e esta o vê, ele sente-se existindo. Podendo ele também, se permitir olhar e ver.

É neste nicho de intensas emoções e demandas, maternas e filiais, que se deseja caracterizar o trabalho.

Metodologia adotada para navegar nos “doze mares”

Optou-se por uma abordagem qualitativa, por entender que ela se adaptava à natureza das questões a investigar, além da afinidade existente entre a visão qualitativa e a Psicanálise, o que certamente influenciou as pesquisadoras. O referencial qualitativo de Minayo (1993) e, mais especificamente, de análise de conteúdo, segundo Bardin (1977) deu rumo ao método.

Sujeitos

Foram em número de 12 bebês, filhos de mães imigrantes, entre a faixa etária de um a três anos, que se distribuíram nas seguintes fases: treinamento - 1 ano a 1 ano e 4 meses; reaproximação - 1 ano e 5 meses a 2 anos e constância objetal em torno de 3 anos. Os bebês tanto podiam ter nascido no lugar de origem que a mãe emigrou quanto no contexto Pelotas ou Brasília.

As mães foram mulheres na condição de imigrantes com situação legalizada no Brasil, em idade acima de 23 anos, múltíparas ou primíparas.

Instrumento

Foram aplicados, em momentos distintos, dois instrumentos. O primeiro (anexo 2 e 3) auto-aplicável, é uma ficha constituída por oito itens sobre dados de identidade geral da mãe. Esse norteou e melhor delimitou os sujeitos no que se refere, principalmente, a tempo de imigração, a origem da emigração e faixa etária dos filhos das mães que vivem em Pelotas ou em Brasília. Essa delimitação foi necessária para a seleção dos sujeitos no momento seguinte, quanto aos itens destacados anteriormente.

O segundo instrumento (anexo 4) aplicado a díade, caracterizado como história de vida tópica, é constituído por duas partes:

Parte I: contempla as fases do desenvolvimento da criança até a idade de 3 anos e 11 meses. O instrumento

composto por onze itens foi aplicado na primeira entrevista de coleta de dados.

Parte II: é relativa a história da mãe, com um espaço livre para a participação do parceiro, se este desejar e fizer parte do contexto. O instrumento totaliza seis itens, sendo aplicado na segunda entrevista.

Concomitante as entrevistas, ocorreu a filmagem pelo observador-participante, o qual focalizou a etapa desenvolvimental em que o bebê se encontrava: treinamento, reaproximação ou constância objetal. A observação da relação vincular se fez necessária visto a comunicação entre mãe e filho ser nessa fase, predominantemente, não-verbal e dessa forma complementar os dados verbalizados pela mãe, na parte I do segundo instrumento.

O referido instrumento foi analisado, inicialmente, por dois profissionais de Psicologia, ambos estrangeiros, oriundos do Uruguai e da Espanha, mas radicados no Brasil. O primeiro, com mestrado e profundo conhecedor das interações mãe-bebê e o segundo, pós-doutor e com pesquisas na área de migração. Posteriormente, foi submetido ao olhar de mais dois especialistas em pesquisa, um deles em etnopsicanálise. Foi submetido também a aprovação do Conselho de Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas.

O passo seguinte foi a aplicação do instrumento em dois casos piloto, seguindo-se assim a fase coleta de dados.

Procedimento de Coleta e Análise dos Dados

As visitas, com duração de 60 min., em número de duas por sujeito, ocorreram no ambiente natural desse, ou seja, sua residência, sendo ali gravadas e filmadas as entrevistas semi-estruturadas e, as observações sendo anotadas, quando necessário. O intervalo entre as entrevistas ficou na dependência da disponibilidade entre as partes, sujeito e pesquisadoras, não ultrapassando o período de uma semana.

Os dados coletados foram analisados tanto sob o ângulo das imagens do vídeo, quanto das falas transferidas para CD. Estas foram transcritas num total de 24 entrevistas, duas por díade ou tríade, quando o pai se fez presente.

Inicialmente, foi realizado um estudo vertical, relação vincular de cada díade, posteriormente, um estudo horizontal, aspectos comuns entre as díades. O conteúdo narrado foi complementado pelo conteúdo não verbal, de imagens, se definido assim os grandes temas dos resultados a seguir.

Uma Visão Panorâmica sobre os Bebês no “País” dos Pais Imigrantes

Durante a trajetória das pesquisadoras, foi se delineando em suas mentes, uma linguagem comum, de imigrante, embora em 13 diferentes idiomas. Um modo de vida, de pensar e de valorar, demarcou um espaço/ambiente: o “País dos Imigrantes”. Assim, a díade imigrante, a partir desse momento, deixa de ser tão “estrangeira”, como a seguir poderá ser constatado.

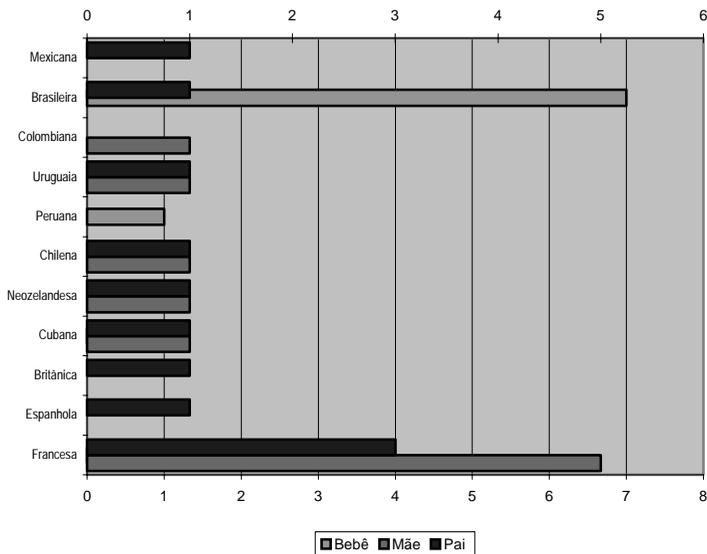
Dos 7 meninos registrados como imigrantes em Brasília, tem-se franceses em sua maioria, 30%, enquanto que os espanhóis, os bretões, os argentinos, os peruanos e os estadunidenses se equiparam em relação a percentagem, 14%.

Características gerais dos tripulantes da “Nau Pesquisa”

A seguir serão apresentadas as características priorizadas no olhar das navegadoras.

Qual a nação que lhe deu origem?

Gráfico – Nacionalidade: Bebê – Mãe – Pai



Dos sujeitos - 12 tríades - predominam, entre os bebês, os nascidos no Brasil, 58,33% e na França, 25%; entre os pais, os franceses: 41,66 % das mães e 25% dos pais.

As demais nacionalidades da tríade, mas com pouca expressão quantitativa, se estende à Canadá, à Colômbia, a Cuba, à Espanha, à Inglaterra, à Nova Zelândia, ao Uruguai, ao México, aos Estados Unidos, ao Peru e ao Chile.

É importante salientar que quanto aos bebês nascidos no Brasil, tem-se ciência de que, legalmente, tenham direito de solo e de sangue, à dupla nacionalidade. Entretanto, dependendo do tipo de vínculo profissional que os pais estabeleceram com o referido país, como é o caso dos diplomatas e militares, não é outorgado a esses bebês tal condição. Para fins da presente pesquisa, optou-se por considerar importante as influências do contexto atual do bebê. Foi registrado como nacionalidade o lugar em que esse nasceu.

Quem é a diáde imigrante?

Quadro - Características predominantes:

Sujeitos	Babá					Irmão			Mãe			Pai		Tempo deles no Brasil
	Idade	Sexo	Nascim.	Posição na Família	Irmãos	Sexo	Idade	Nascim.	Idade	Nacionalidade	Trabalha	Nacionalidade	Trabalha	
A	1ª/2m	F	França	1ª	---	---	---	---	27a	Francesa	Não	Francesa	Sim	1a
B	1ª/4m	F	Brasil	3ª	2	FM	8a/8a	Bélgica	38a	Canadense	Não	Espanhola	Sim	2a
C	1ª	M	Brasil	2ª	1	M	2ª	Brasil	30a	Francesa	Não	Francesa	Sim	2a
D	2ª/7m	M	Brasil	1ª	1	F	7m/1/2	Brasil	29a	Uruguaia	Não	Uruguaia	Sim	3a/5m
E	1ª/4m	M	França	1ª	---	---	---	---	28a	Francesa	Não	Francesa	Sim	4m
F	2ª	M	Brasil	2ª	1	M	3ª	Nova Zelândia	34a	Neozelandesa	Sim	Neozelandesa	Sim	2a/5m

1.a - O Bebê

Sua faixa etária varia de 1 a 3 anos e dois meses: 58,33 % do sexo feminino e 41,67% do masculino. 58,33% nasceram no Brasil; 50% é segundo filho; 41,66% é primogênito e, 0,01 % ocupa o lugar de terceiro filho.

1.b - Os Irmãos

Dos 9 bebês que têm irmãos, 70% destes últimos são do sexo masculino, variando suas idades entre 7 meses e 8 anos, além de um deles estar sendo gestado. Quanto a seu país de nascimento, tem-se 33,33% no Brasil e os demais se distribuem unitariamente entre Bélgica, Nova Zelândia, Chile, Cuba, França e México.

1.c - A mãe

Os 41,66 % das mães francesas prevalecem sobre as demais que se distribuem unitariamente, entre canadense, uruguaia, neozelandesa, chilena, cubana e estadunidense. Numa faixa etária que varia entre 27 a 38 anos, 66, 68% delas, embora com profissão, não trabalham no Brasil. Embora somente 16,6% sejam as que trabalham por tempo integral, são elas que trouxeram suas famílias para o Brasil.

1.d - O pai

A nacionalidade mais expressiva é de 25% francesa, e as demais se distribuindo unitariamente, entre: espanhola, uruguaia, chilena, neozelandesa, cubana, mexicana e estadunidense. 83% dos 12 pais vieram para o Brasil por seu trabalho e os demais por de suas parceiras.

Temas predominantes durante a “Viagem”

A seguir serão apresentados os temas mais expressivos no grupo pesquisado:

1- Sinais de auto-regulação X distúrbios funcionais e de comportamento

Entre as funções auto-regulatórias dos bebês, foram consideradas: sono, alimentação, controle esfinteriano, motricidade e a fala.

1.a - Motricidade e controle esfinteriano

Estas foram, entre as funções, as que oscilaram de regular a precoce no desenvolvimento dos bebês, em especial a última delas. Em geral, as mães e seus filhos apresentaram certa facilidade para estabelecer a auto-regulação dos esfíncteres. Somente 16,6% das crianças, sexo masculino, apresentaram alguma manifestação de suas dificuldades emocionais no desenvolvimento motor. Portanto, o índice de 41,66% em cada uma das áreas, expressou a capacidade de autonomia precoce e os demais bebês foram considerados em seu desenvolvimento, regular.

1.b – Alimentação

Esta foi a função mais estável. As poucas crianças, 16,6%, que no início do seu desenvolvimento tiveram alguma manifestação, atualmente, estão com a alimentação sob controle. Portanto, todas apresentam esta área bem regulada.

1.c - Fala e sono

Foram as áreas mais vulneráveis e que mais fizeram jus as vivências de imigrante nesse grupo. 40% dos meninos, num total de 5, demonstraram alguma retração na fala, enquanto as meninas 28,57%, num total de 7. O índice de 30% em 12 bebês com irregularidade na fala, não pode ser considerado expressivo, somando-se ao fato de que eles estão se familiarizando com, no mínimo dois idiomas: o português e o idioma dos pais. Algumas vivenciam, concomitantemente, três, pois os pais falam línguas diferentes. Já o sono foi a função de referência para a expressão da desorganização auto-regulatória, 58,33% das crianças apresentam ou já apresentaram significativa manifestação. Sendo

que por parte dos pais imigrantes se faz presente grande valorização do sono no desenvolvimento de seus filhos: eles têm livros que lhes ensinam métodos; utilizam músicas e cantigas para dormir; delimitam bem tanto o espaço físico, o quarto e a cama do bebê, como seus horários. Sentindo-se muito atingidos em sua rotina quando o filho apresenta dificuldades nessa área.

2 - Atividades educativas da criança X atividades profissionais da mãe

Quanto a este aspecto, constatou-se que das 12 mães, 16,66 %, exercem sua profissão em período integral, 16,66% trabalham um turno ou algumas horas do dia, mas há um predomínio de 66,68% que se dedicam, exclusivamente, a vida familiar. Mesmo havendo essa diferença de disponibilidade de horário, todas investem, de forma significativa, em atividades que auxiliem ao desenvolvimento das competências de seus filhos, algumas mães com a participação efetiva do cônjuge. Entre as atividades infantis, pode-se dizer que 66,68% das crianças que não freqüentam creche, não sendo necessariamente os filhos das mães que se dedicam exclusivamente a vida familiar, participam de outras atividades, como natação, balé, ginástica, Play Group (grupo de crianças, filhos de pais de diferentes nacionalidades) e aulas de música. Sendo que 25% das 8 que não freqüentam creche estavam, na semana em que as entrevistas foram realizadas, estabelecendo os primeiros contatos. A creche, portanto, é substituída e, às vezes acompanhada, pelas atividades já referidas. Embora se destacando a natação, pois 50% das crianças freqüentam, é a música, que mereceu um lugar especial na vida dos pequenos cidadãos: 50% aprendem música em ambiente especializado; 33,40% os pais incentivam em casa por tocam algum instrumento ou cantarem para os filhos e, somente 16% não fizeram referência.

3 - Aspectos comparativos sobre a educação de filhos: Brasil X países de origem

Aspectos positivos

Foi unânime entre os sujeitos entrevistados, doze mães e três pais, a ressalva de que educar os filhos nas condições que se encontravam no Brasil, lhes era muito enriquecedor, além de terem um espaço físico adequado em suas residências, o clima tropical, as pessoas muito disponíveis afetivamente com as crianças e a possibilidade de terem quem os ajudassem na função de babás ou empregadas, fazia um diferencial em comparação a seus países de origem. Sentindo-se, muitas vezes mais identificados em suas funções paternas e maternas com o clima afetivo que podiam desenvolver aqui, junto aos filhos.

“Se ela ficasse na França, ela não ia ser o mesmo bebê. Aqui ela tem mais espaço, mais sol e mais mamães também. A adaptação é mais fácil.... depois ele vai entender que teve muita sorte de viver aqui”. (Mãe)

(Sobre amamentação) “Lá no é muito importante ...Eu fiz... Eu acho porque eu estava aqui ... Era mais importante. Mas eu estou feliz porque lá non ... non ... era mamadera.” (Mãe)

“Para viver com criança aqui é muito bom país. Temos uma qualidade de vida muito boa aqui. Tem piscina, tem sol ... Nós sabemos que aqui todo mundo são muito gentil com as crianças.Na França tem stress”. (Mãe)

“Eu acho aqui as pessoas têm mais paciência para as crianças ... Se se está num restaurante ... crianças estão correndo, brincando ... ninguém ... sem problemas. Todo mundo ... porque eu acho que todo mundo adora crianças aqui ... Eu fico mais à vontade”(Mãe).

“Aqui, por exemplo, quando eu estava viajando sozinha para os Estados Unidos com as duas crianças ... Aqui todo mundo quer ajuda. Sem problemas. No momento ... eu cheguei nos Estados Unidos ... as duas estavam dormindo ... Tinha malas ... tudo ... Eu perguntei a aeromoça pra ajudar ... não é minha trabalha ... não precisa ajudar ... Ok ...” (Mãe)

Aspectos Negativos

Algumas mães ressaltaram o horário com que as crianças vão dormir no Brasil, o avançado da hora no período da noite é um aspecto que, para elas, não é nada positivo. Independente desses comentários bem explicitados,, todas dão muita importância para as horas de sono dos filhos e, conseqüentemente, dos pais.

“Chegar aqui foi difícil ... Foi difícil porque Brasília é uma cidade bem particular . Brasília é particular. É uma cidade assim ... Não tem vida na cidade ... Não é uma cidade normal onde é tudo aqui, aqui, aqui,aqui ... Final de semana não havia nada no setor comercial. Andar de carrinho com [o bebê] é difícil para mim caminhar nas ruas. Não tem muitas calçadas ... Não tem onde caminhar. Não há onde caminhar. É tudo com carro, carro, carro. Foi um pouco difícil nessa parte”. (Mãe)

“Eu acho que crianças aqui no dormem muito bastante. Acho que fica até 11 horas da noite e ... no dormem. Acho que só dormir. Acho que crianças precisam dormir muito mais ... Acho que comida é melhor aqui, mas para dormir lá”. (Mãe)

4 - Prioridades dos pais quanto à educação de seus filhos

Este tema pode-se dizer, que é a expressão máxima de uma cultura, tanto pelo prisma de um povo como pela fase do desenvolvimento focalizado na presente pesquisa, portanto, as pesquisadoras fazem um convite ao leitor para, mais diretamente, acompanhá-las a viajar **pelo “País dos Imigrantes”**.

A seguir serão apresentadas as riquezas **dos “doze mares”**, o background que norteia os diferentes rumos transculturais do imigrante, ultrapassando fronteiras, sendo às vezes, *ressignicadas* e outras reafirmadas:

“Penso que o mais importante é a sua escola, a educação. Ler história... Bom ... Por isso que fomos nessa escola porque havia várias matérias ... era importante ... Ajuda na concentração, nas artes, ler e escrever”. (Mãe)

(Sobre a presença de livros em casa) “Eu acho... muito importante para elas ... Eu acho que é porque eu sou professora”. (Mãe)

“Sobretudo a educação. Eu fazia muitas coisas com eles quando estava na Franca ...E depois quando sabemos que iríamos trocar de país, eu abandonei um pouco ...” (Pai).

“Acho que agora que ele faz dois anos ... acho que é importante disciplinar. Como, às vezes, ele não quer parar. Precisa treinar as coisas que ele não quer”. (Mãe)

“Trato de dar muita segurança, muito carinho ... dizer sempre que é inteligente, que é valente, que é bonita, que é simpática... ser divertida ... Sempre reforçando muito a segurança dela. E também desenvolver a personalidade, por ser muito tímida ... que coloque para fora suas emoções porque, muitas vezes, ela fica frustrada É muito importante para mim que ela diga o que pensa, o que ta sentindo ... Dar muito carinho é muito importante para mim. Ter muita segurança em si mesma ...” (Mãe).

“Ele recebe toda a atenção do mundo ... Eu passo todo o tempo com ele ... Eu sempre falo muitas coisas com ele...assim Se não era eu ... era o pai. O pai também é é muito assim com ele. Fala muitas coisas com ele ... E ele sempre escutava ... e mesmo se não entendia nada Agora que ele está entendendo as palavras”. (Mãe)

“Eu me sinto aqui sozinha com ele. Tudo mundo aqui falando português pra ele ... Ai eu me sinto sozinha ... Só eu

posso transmitir essa língua pra ele. Eu quero que ele fale bem o espanhol. Então, eu não poupo esforço pra que ele aprenda as coisas ... Eu ensinei muito pra ele ... E as musicas também. Tem CDs ... tem muitos CDs em espanhol”. (Mãe)

“Eu acredito que eles vão ter mais vantagens comparando a outras crianças... Porque eles vão estar mais preparados para as mudanças que a adversidade cultural trás... nisso que a gente vive”. (Pai)

Observou-se, dentre os aspectos ressaltados em relação à educação, que a maioria dos pais dá grande importância à atenção dispensada ao bebê no seu processo de desenvolvimento. Priorizam atividades que mantêm seus valores culturais, mas principalmente, que estimulem competências sociais e criativas, dando segurança afetiva à ele. Buscam, sobretudo, estabelecer critérios educacionais que retratem suas vivências e a riqueza transcultural na qual estão inseridos. Na disciplina, no incentivo aos diferentes idiomas, na leitura de livros de histórias e na estimulação à música transmitem à seus filhos mais do que sua cultura de origem mas um modo de serem pais afetivamente competentes dentro de sua realidade intercultural.

Discussão dos Resultados

A bússola que norteou essa viagem, permitindo ultrapassar as fronteiras - em especial aquelas do conhecimento científico das pesquisadoras - será aqui retomada, a fim de que essas últimas possam atracar no porto seguro dos conhecimentos teóricos, vislumbrando com maior acuidade a paisagem do “País dos Imigrantes”.

Como se apresenta o código vincular na etapa de separação e individuação do bebê, quando a mãe se encontra em pleno processo de alteração de seu próprio código de referência?

A criança na fase de separação-indivuação:
- terá sua capacidade auto-regulatória afetada?
- apresentará manifestações somáticas e de comportamento?

As nuances da paisagem a seguir, contemplaram o espírito desbravador das pesquisadoras

1 - A Autonomia dos Pequenos Navegadores

A autonomia do ser humano está diretamente relacionada às suas competências, à sua condição para viver os processos de separação-indivuação nas três etapas do desenvolvimento, nos três primeiros anos da infância, na adolescência e na fase adulto-jovem. O que só é possível se o indivíduo consolidou a etapa de constância objetal, isto é, se ele pode internalizar gradualmente uma figura materna, positivamente, catexizada e constante. Este funcionamento separado da mãe apesar de um grau moderado de tensão e desconforto implica também em algo mais que a manutenção da representação do objeto de amor ausente, mas na unificação desse objeto bom e mau, numa única representação total. Processo este que, segundo Pine e Bergman (2002) não é consolidada antes dos três anos.

Importante ressaltar que os sujeitos da pesquisa **se encontram**, de acordo com sua faixa etária, nas seguintes sub-fases do processo de separação e indivuação; 2 em treinamento; 9 em reaproximação e 1 em constância objetal. Portanto, em sua maioria eles já ultrapassaram a fase de treinamento, quando a motricidade é exercitada, em essencial, pelo caminhar e um dos que se encontram nesta fase, foi considerado precoce. O andar coloca o bebê numa posição ereta, é uma conquista da terceira dimensão do espaço. Ele passa a, ao andar livremente, portanto, separado de sua mãe e numa posição vertical, ter uma nova visão de mundo, fornecendo-lhe perspectivas, prazeres e frustrações inesperados. Ao ser mais

ativo em aproximar-se e distanciar-se de sua mãe, vai descobrindo que há mais para ver, mais para ouvir, para tocar.

Com isto é de ser questionado se, estes bebês evidenciam, não só um vínculo seguro com sua mãe, mas também, nessa autonomia de deslocamento, a própria vivência de seus pais enquanto imigrantes, com possibilidade de retornarem a seu país ou novamente se distanciarem dele ao irem para uma nova terra? Até que ponto essa capacidade de deslocamento não é transmitida ao bebê, visto ser um modo de vida, um ritmo do grupo investigado?

O controle esfinteriano, fase da constância objetal, considerado de regular a precoce nos bebês da amostra, foi outra área marcada pela autonomia. O controle dos esfíncteres nos fala da capacidade da criança lidar com os aspectos afetivos, diferenciando o que fica dentro e o que ficará fora; o eu e o outro. Processo este que só pode ser vivenciado quando a segurança afetiva presente lhe possibilita a vivência da perda e da separação, separar-se de seus conteúdos internos. Mesmo separando-se ou com o sentimento de perdê-los existe algo mais em seu interior que lhe garante uma retroalimentação. Pode-se dizer que, sob estes aspectos, tais crianças não são apegadas a conteúdos concretos.

Quanto à alimentação, totalmente, regulada no presente grupo, evidencia uma grande capacidade das crianças em assimilarem diferentes sabores, aromas e substâncias sólidas ou líquidas. De acordo com Kreisler, Fain e Soulé (1999) esse conflito é considerado o primeiro em sua vivência psíquica, o alimento que vem de fora é amoroso, diferente das crianças que apresentam distúrbios alimentares como anorexia, bulimia que o alimento-afeto é constantemente temido, sendo necessário não o assimilar ou colocá-lo fora. Ou por outro ângulo, a obesidade, em que a voracidade e a insanidade se faz presente, evidenciando “buracos afetivos”.

Será que, também nesta circunstância, podemos pensar na vivência do bebê junto aos pais imigrantes? Pais que abandonam com certa frequência e facilidade seus bens materiais

por terem algo mais que lhes retro-alimenta? Ou que têm uma disponibilidade interna para assimilar diferentes “alimentos culturais”?

Diante de tais hipóteses, torna-se inevitável relacionarmos este processo com a autonomia e as competências alicerces, tão bem estudadas e trabalhadas na trajetória que Montagner, (1993) tem realizado a serviço das crianças e dos pais. Segundo o referido autor, as competências alicerces definem os núcleos de capacidades iniciais a partir das quais o ser humano, em processo de construção, aglomera, combina e integra as informações de seu mundo exterior, tornando-as compatíveis com suas singularidades, quer estas sejam inatas, ou não, biológicas ou psicológicas. Essas competências são: atenção visual sustentada; ela a interação, comportamentos afiliativos; organização estruturada e centrada no gesto e imitação. Consideradas alicerces fundamentais que permitem a um bebê desenvolver condutas funcionais, conduzem à satisfação de suas necessidades vitais e organizam interações, ajustadas e afinadas, com seus parceiros. Por afinações entende o autor os ajustes emocionais, afetivos e rítmicos, não somente comportamentais.

Na medida em que os bebês da pesquisa evidenciaram precocidade e regulação em algumas áreas de seu desenvolvimento, especialmente, motricidade, controle esfinteriano e alimentação, expressaram um vínculo seguro, mesmo estando suas mães em processo de separação de seu próprio código de referência, sua cultura.

2 - O Sono “Estrangeiro-Estranho” ao Imigrante

O sono, merece atenção especial entre os resultados analisados pois teve lugar de destaque por parte dos pais imigrantes e, neste momento, também pelas pesquisadoras.

Segundo Montagner (1996) as competências-alicerce do bebê emergem tendo de fundo o ritmo vigília-sono. Pois norteia ritmos de ações, trocas e rituais que regulam a refeição, a mudança de fraldas, o banho, os cuidados corporais, e as

interações pelas interações. Trata-se, portanto, de um molde no qual se formam a organização perceptiva, comportamental, afetiva, cognitiva e temporal do pequeno ser. As alterações do ritmo vigília-sono nos permite detectar as influências que este ritmo pode ter no tempo que é preciso aos bebês para mobilizar as suas capacidades de atenção e o conjunto de suas competências alicerces e, ao mesmo tempo, para solicitar eficazmente, as suas capacidades intelectuais. Desta forma, refere o autor, compreende-se como é influenciada a ritmicidade das trocas interativas da díade, no decorrer de seus tempos partilhados.

Se faz necessário salientar dois dos bebês da pesquisa que viveram freqüentes mudanças de fuso horário, em curto espaço de tempo. Por exemplo, um deles, dos sete meses de gestação aos 6 meses de vida pós-parto, viveu três mudanças de fuso horário até os três meses e, duas mudanças de residência no Brasil, dos três aos seis meses. Embora sendo a mudança de fuso horário uma vivência sempre desorganizante para qualquer faixa etária, certamente, esses bebês merecem um olhar especial, em suas dificuldades atuais no seu ritmo de sono. Eles fazem parte do índice considerado pelas pesquisadoras como com sono irregular.

As pesquisadoras, como Montagne (1996), reconhecem o sono como uma evidência não só da ritmicidade biológica, mais ou menos sincronizada ou dessincronizada por fatores designados como reguladores ecológicos e sociais, mas também, como o reflexo cotidiano das angústias, dos medos, dos desgostos e da insegurança vividos nomeadamente à noite, antes de mergulhar no “buraco negro” do sono e pela manhã, antes de reencontrar a figura materna.

É nessa linha de pensamento que para essa modalidade de auto-regulação pode-se dizer que o sono teve um espaço transcultural como resultante da caminhada no “País dos Imigrantes”. Ao mesmo tempo em que muito valorizado pela cultura dos pais foi criticado ao ser tomado como referência no contexto Brasil. Considerar a questão do sono como a expressão

do conflito entre as culturas, pode ser entendido neste grupo como a evidência natural de um processo de aculturação. Visto que, segundo Sarriera (2000) mesmo num processo em que a resultante é consensual - cruzamento entre psiquismos integradores, imigrante e grupo de acolhida - não é deixada de lado a vivência de cisão, pois é necessário assimilar o novo e ficar de fundo as referências culturais do país de origem. Portanto, se este movimento é vivido como um processo dinâmico, onde o mais importante é a capacidade egóica de flexibilização do imigrante, a vivência inicial de cisão, mas sempre presente, embora, posteriormente, em menor grau, terá como resultante a síntese integradora das culturas.

3 - A Musicalidade da Escuta na Viagem do Bebê, esse Pequeno Navegador

De acordo com Kovadloff (2003) não se ouve só pelos ouvidos, temos muitos outros ouvidos, no peito, na garganta, nas pernas, sendo que certas músicas são bem mais escutadas em determinadas posições do que em outras. Somos um grande ouvido, diz o autor.

Essa relação do ser humano com a musicalidade vem de etapas muito primitivas, desde a ontogênese, e por que não, também da filogênese. Os sons sempre nos acompanharam in-útero e fora dele, nos norteiam e localizam no tempo e no espaço.

A música nasceu com a natureza, ao considerarmos que seus elementos formais, o som e o ritmo, fazem parte do universo e, particularmente, da estrutura humana. O homem pré-histórico descobriu os sons que o cercavam no ambiente e apreendeu a distinguir os timbres da canção das ondas se quebrando na praia, da tempestade se aproximando e das vozes de vários animais selvagens. Encantou-se com seu próprio instrumento musical, a voz. Entretanto, a música pré-histórica não se configurou como arte, teria sido uma impulsiva e indistinta reação do movimento sonoro ou expressivo meio de comunicação, sempre ligada às palavras, aos ritos e à dança. (Guimarães, s/d)

Nasce-se entre palavras. Palavras que nos denominam, ignoram, nos acolhem ou excluem, acariciam ou maltratam. Mas todas elas acompanhadas de sua musicalidade, nos ensinam os bebês.

De acordo com Szejer (1999) o recém-nascido registra as intenções que acompanham nossas palavras seja pelo timbre ou pelo tom de nossa voz. Na medida em que não fala, sua compreensão é diferente daquele que já fez a aquisição da palavra. É diante desse canal tão peculiar que Busnell (1997) tem debruçado seus esforços de pesquisa em fisiologia acústica, nos últimos 20 anos, investigando o efeito da voz da mãe sobre o filho.

Diante dos dados obtidos na pesquisa e da teoria referida acima, torna-se inevitável a associação entre a fala e a música no País dos Imigrantes. O número pouco expressivo de bebês com irregularidades na fala e sua competência no trânsito entre os diferentes idiomas, acrescido da estimulação da musicalidade em seu desenvolvimento levou as pesquisadoras a navegar em mares desconhecidos, ao mesmo tempo em que deu resposta a uma das questões que nortearam o trabalho:

- O bebê da mãe imigrante, na fase de separação-individação, apresenta manifestações somáticas e de comportamento?

Segundo Litvan (1998) as canções de ninar são definidas como um fenômeno vincular, uma zona de encontro entre mãe e bebê, íntima, secreta, serena, onde se abre um tempo de espera e esperança que põe em jogo as sincronias e ritmos entre eles. Estas canções transmitem uma mensagem que combina o pessoal e familiar com a expressão cultural do grupo de pertencência que vai modificando de gerações em gerações, de acordo com as pautas de câmbio de cada cultura. Desenvolvem entre ambos um idioma que se situa em alguma parte entre o laleio do bebê e a linguagem abstrata da mãe. A mãe acaricia e envolve seu bebê com um tom de voz e lhe sussurra sua história familiar e cultural, seus valores, ideais e representações. Por si só, a voz materna expressa os afetos que estão em jogo, sua cadência e tom

constituem um encontro pleno de significações. A mãe introduz a poesia e a palavra a seu bebê que se não fala e não compreende, goza igual da rima e do ritmo.

Para essa autora, a canção de ninar cumpre uma função reguladora do equilíbrio da interação entre mãe e filho naqueles bebês com sofrimento psicossomático, assim como também funciona como possível recurso profilático.

Encantadas por essa voz materna que, segundo Garcia Lorca (apud Letvan), não quer ser fascinadora de serpentes, mas que no fundo usa a mesma técnica - tem necessidade da palavra para manter o bebê preso à seus lábios - as pesquisadoras sentiram-se atraídas por seu encantamento, levando-as a enveredar no mundo que será a seguir colocado em palavras.

4 - A Mãe-Ambiente: a Bússola Norteadora das Competências do Pequeno Navegador

Nessa etapa da viagem já se pode, em contato com o pequeno navegador, vislumbrar quem é a mãe imigrante. Ela em sua disponibilidade interna, possibilitou enveredar não só em sua casa, mas em sua mente, em seu País Imigrante. Transformou o lugar que era estrangeiro para as pesquisadoras em não mais tão estranho. Nesses encontros entre ela e as pesquisadoras, por vezes eram estas últimas as imigrantes e o grupo familiar, o grupo de acolhida. Por outras, a relação alternava-se e as pesquisadoras eram um grande ouvido, continente à sua história, permitindo que fosse, pretensiosamente, identificado como ela faz para que seu filho, numa fase de separação-indivuação, não adoecesse quando ela está passando por um período de separação de seu próprio código de referência. E mais, que estimule uma auto-regulação expressa numa competência considerada, em seu desenvolvimento, de regular a precoce.

Falar na mãe imigrante é se reportar a Winnicott (2000) a mãe-ambiente, aquela que possibilita que seu filho adquira um ambiente interno. Enquanto este último não foi viabilizado a mãe é esse ambiente para o bebê, ambiente que se adapta às suas

necessidade, provendo-o em seus momentos de excitação e tranqüilidade. Ela sincroniza sua tranqüilidade no momento do bebê agitado e, sua excitação quando ele estiver calmo, constrói um ritmo muito próprio à seu desenvolvimento: um material mnemônico suficiente para que ela possa sobreviver na mente do bebê, mesmo tendo desaparecido de seu campo visual.

Segundo o referido autor, a posição depressiva - integração como objeto total da mãe que excita ser a mesma que estimula - se localiza entre os seis e os doze meses, evidenciando um crescimento pessoal decorrente de uma provisão ambiental sensível e contínua.

Pode-se dizer, sob determinado ângulo que, a mãe imigrante ao possibilitar ao bebê criar um ambiente interno para que tenha o timão de sua própria nau e vá em direção ao ambiente externo para satisfazer as demandas de seu desenvolvimento, fala também de sua vivência integradora entre dois mundo o de sua origem e o de um mundo estrangeiro. O que não minimiza sua história, muitas vezes de intenso sofrimento, solidão e perdas, mas enaltece sua capacidade de flexibilizar entre dois mundos distintos, ultrapassando fronteiras e permitindo que sua função materna se identifique mais com um país estrangeiro do que com o de suas origens. Nessa viagem, embora, às vezes, sinta a solidão, o silêncio da voz de seus vínculos afetivos, de seus costumes e de seus valores, faz-se acompanhar da música e de um parceiro que entende sua linguagem de estrangeira, embora possa até falar um idioma diferente dele.

Tempo e silêncio são, na música, forma e movimento. Presença inequívoca do que sendo intraduzível acaba sendo, no entanto, vivenciável. O som musicalmente bem nutrido faz fronteira com o imaterial; sua fugacidade extrema o inscreve no domínio do quase inexistente, longe, muito longe do campo do abertamente dado. (Kovadlof, 2003).

5 - Conclusão

O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. (Kristeva, 1994)

1 - A Chegada em Terra Firme

Mas que terra? Que estabilidade é esta que antes da viagem se imagina ter e que os imigrantes levam a questionar?

Certamente, as pesquisadoras frente aos resultados da pesquisa sentiram-se: nós somos estranhos para nós mesmos. Quem é o estrangeiro?

O estranhamento frente ao novo desestabilizou o já conhecido, se fazendo necessário passar por um período de aprendizagem: *re-significar* antigos roteiros de viagem.

A seguir será apresentada uma síntese da bagagem adquirida durante a viagem ao “País dos Imigrantes”:

O bebê da mãe imigrante não desorganiza sua auto-regulação na medida em que essa última passa por um processo de aculturação, a não ser que ela esteja vivendo, concomitantemente, uma outra situação estressante.

A musicalidade pode ser considerada uma via profilática, uma via sublimatória, frente a possíveis manifestações somáticas do bebê;

Os parâmetros vinculares do bebê são pautados em bases diferentes daquele que tem uma estabilidade de contexto;

O fato dos pais viverem em um país diferente de suas origens, concentra seu investimento afetivo nas competências do filho, levando-o a um processo auto-regulatório precoce ou, no mínimo, adequado;

A transicionalidade que caracteriza o imigrante pode influir na ritmicidade do bebê. Sendo essa internalizada como um código de referência e de ligação com seus pais.

É dada prioridade a casa e às aulas de atividades infantis em relação às creches;

O pai tem uma participação importante na estabilidade da díade, principalmente, quando a mãe trabalha turno integral;

A fragilidade vivida na gestação e no parto em um país estrangeiro pode ser minimizada com o apoio de amigos, vizinho e, especialmente, com a maternagem do cônjuge;

O pediatra é uma figura de referência para a mãe diante da ausência ou distanciamento de seus parâmetros de origem.

2- Roteiro para novas viagens

É inevitável, após uma viagem com êxito, programar-se para novos roteiros. Portanto, as pesquisadoras, convidam a que outros tripulantes, se aventurem a continuar, por outros caminhos a conhecer o **“País dos Imigrantes”**.

É importante ressaltar que a díade ou tríade pesquisada é identificada, não como imigrante, mas estrangeira, na medida em que tem um período delimitado para ficar no país. Fato este que pode levar a resultados diferentes caso venha a ser realizada uma pesquisa com díades em processo de aculturação, devido ao maior impacto cultural;

Cada resultado obtido pode ser desenvolvido e aprofundado com novas pesquisas visto a riqueza dos dados coletados;

Deverá ser realizado um investimento maior por parte dos órgãos governamentais e não governamentais nos grupos de acolhida ao imigrante ou ao estrangeiro;

A peculiaridade da relação diádica ou triádica estrangeira deverá ser melhor considerada pelo profissionais a fim de que suas intervenções não se tornem iatrogênicas;

Se faz necessário que, no Brasil, os poucos profissionais que tem se dedicado a essa clientela, estreitem sua relações a fim de fortalecerem as peculiaridades das intervenções em grupos étnicos, como a etnopsicanálise.

Boa viagem ao **“País dos Estrangeiros”**! Que a **“nau Pesquisa”** possa contribuir para novas viagens e outras descobertas!

La curiosité que l'on éprouve face aux bébés d'autres sociétés est démultipliée: un aller-retour se produit forcément. Parfois, nous sommes même délicieusement choqués (voir comment une mère africaine mouche son enfant en aspirant avec sa bouche les mucosités de son bébé pour les recracher aussitôt) Mais en même temps l'enfant des autres nous incite à réexaminer la nature et la forme de nos relations avec nos propres enfants. Le voyage dans la petite enfance est intéressant en cela il déclenche une révision de nos propres pratiques et théories.

Une des raisons pour lesquelles je me suis intéressé à la petite enfance est très triviale. Lorsque vous êtes ethnologue et que vous êtes sur le terrain, la plupart du temps ...vous vous ennuyez. Il ne se passe "rien". Dans ces sociétés, le temps est un temps guimauve, qui se dilue, se délite. Si vous voulez vous distraire, vous regardez autour de vous . Et de quoi se cristallise l'ensemble de l'attention, des rythmes, des humeurs d'une communauté? C'est le jeune bébé...

Alain Epelboin (médecien-ethnologue)

Referência bibliográfica

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BUSNEL, M.C. *A linguagem dos bebês: sabemos escutá-los?* São Paulo: Escuta, 1997.

BRAZELTON, B e col. *A dinâmica do bebê*. Porto alegre: Artes Médicas: 1987.

CRAMER, B. *Profissão bebê*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

DEFEY, D. *Mujer e maternidade*. Montevideo: Roca Viva, v.1-2, 1994.

EPELBOIN, A. C' est le jeune bébé. IN: FONTANEL, B & D' HARCOURT. *Bébés du monde*. Paris.Éditionn de la Martinières, 1998.

IBGE Censo Demográfico 2000/ Migração

KOLTAI, C. *Política e Psicanálise. O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.

KOVADLOF, S. *Silêncio primordial*. São Paulo: José Olympio, 2003.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAHLER, M. *Separação e individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1993.

MORO, M.R. Fabriquier des bébés. In: *Enfants d'ici vênus d'ailleurs*. Paris: La Decouvert, 2002, p.41-63.

REVUZ, C.. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. IN:SIGNORINI, I. *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, São Paulo: FAPESP, FAEP/UNICAM, 2000.

SARRIERA, J. C. Educação para a integração entre culturas e povos: da aculturação para o multiculturalismo. IN: SARRIERA, J. C. et al. *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

SARRIERA, J. C; PIZZINATO, A. RANGEL, M. P. *Os imigrantes na grande Porto Alegre: uma experiência comunitária*. II Encuentro hispanoparlante: migración e inserción social. Camboriú, Santa Catarina, edição eletrônica – CD, 2001.

SEBBEN, A. S. *Tornar-se cidadão do mundo é resultado de uma experiência migratória?* Psico. Porto Alegre, v.27, n.1, p.129-141, 1996.

SEGAL, A. *Introdução a obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SUÁREZ, E.C. *Migración e inserción social*. II Encontro hispanoparlante: migración e inserción social. Camboriú, Santa Catarina, edição eletrônica – CD, 2001.

TEICHNER, I. *Acerca del sentimiento de pertenencia*. II Encontro hispanoparlante: migración e inserción social. Camboriú, Santa Catarina, edição eletrônica – CD, 2001.

TYSON, P. & TYSON, R. *Teorias psicanalíticas do desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

WINNICOTT D. W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

_____. *O Brincar e a realidade*. São Paulo: Imago, 1975

ZIMERMANN, D. *Fundamentos básicos da grupoterapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

